O BIOPODER[1] E SUA INFLUÊNCIA NA INTERFACE CULTURAL NO TERRITÓRIO BOE-BORORO DO DISTRITO DE JARUDÓRI

Claudinei Caetano dos Santos – E-mail: prof.claudineicaetano@hotmail.com
GT 4: Educação e Povos Indígenas

RESUMO

Esta pesquisa nasce de uma preocupação atual, que envolve o povo Bororo e seu território no Distrito de Jarudóri, lugar onde cresci e tenho meus familiares, me distanciei e agora volto para compreender e atuar para uma (dês) configuração e reintegração de ações culturais para com o povo dono deste espaço. O objetivo a ser analisado nesta pesquisa é como se deu a força do poder e sua intervenção na expropriação das terras Bororo no Distrito de Jarudóri, favorecido pelo poder Estatal, e pela falta de "proteção" dos órgãos competentes. Será verificado o conceito de "biopoder", que se faz presente na análise de Foucault dos anos de 1975 a 1977, e posteriormente analisado por outros pensadores. A escolha desta temática não foi ao acaso, pois este conceito será verificado em contexto de uma preocupação atual e pertinente a transformações culturais e perda de identidade.

Palavras – chave: Jarudóri; Boe-Bororo; Biopoder.

Esta pesquisa nasce de uma preocupação atual, que envolve o povo Bororo e seu território no Distrito de Jarudóri, lugar onde cresci e tenho meus familiares, me distanciei e agora volto para compreender e atuar para uma (dês) configuração e reintegração de ações culturais para com o povo dono deste espaço, que, a língua do povo Bororo possui esta etimologia: jarudo peixe pequeno e ri é pedra. Segundo alguns estudiosos o nome da região tem outro sentido:

> Jarudóri Bororo – Jarudóri, morro do bagre; boróro, aldeia [aldeia perto do morro do bagre]. Importante aldeia de origem assaz antiga, habitada por avultado número de índios, a meio caminho entre Poxoréo e Rondonópolis, por via fluvial. Nestes últimos tempos (1962) dividiu rapidamente, dando origem a

[1] Entendemos aqui o conceito de Biopoder, o controle sobre a vida do ser humano.

> um conglomerado de civilizados que conservou o mesmo nome. (EB-I, 1962: 686)[2].

Assim foi chamado de Jarudóri este distrito Boe-Bororo de Município de Poxoréo, Estado de Mato Grosso. Analisarei aqui o envolvimento das práticas culturais Boe-Bororo (real e imaginário) e sua relação com o "homem branco" neste espaço e o uso do poder para a expulsão[3] dos Boe-Bororo de suas terras, como podemos perceber na fala de Kiareware: "o delegado da 5ª Delegacia de Cuiabá, o Coronel Pinho me afastou de Jarudóri, dizendo que ia tirar o povo e deixar a terra vazia e nos trazer de volta, isso não aconteceu"[4].

Tendo como base a Constituição Federal de 1988, foi reconhecido aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, sendo estas inalienáveis e indispensáveis, e os direitos sobre elas imprescritíveis. Os Bororos ocuparam grande território e sua população foi estimada por alguns estudiosos, em 16.000 pessoas, na época da colonização[5].

Com a chegada dos colonizadores, os Bororos foram divididos pelos conflitos em Orientais e Ocidentais, conforme passaram a serem referidos aqueles que viviam do lado esquerdo ou direito do rio Cuiabá, respectivamente. Concomitantemente à imensa perda territorial, os Bororos Ocidentais sofreram uma (dês) população tal que Darcy Ribeiro, ao analisar o censo de 1932, afirmara encontrarem-se eles nas últimas etapas do processo de extinção[6], sendo que Rettray Hay, em 1919, estimou que somente eles somavam cerca de 3.000 indivíduos[7].

Os Bororos que nos ocupam aqui etnograficamente conhecidos são chamados Orientais ou Coroados, incluindo os de Jarudóri. Diga-se de passagem, os Bororos situados entre o rio Cuiabá e a fronteira Oeste, assim como os do alto São Lourenço e dos afluentes

---

[2] BARROS, E.P., BORDIGNON, M. Jarudóri – Estúdios e Levantamentos Prévios Histórico-Antropológicos. 2002. p. 48.

[3] O terno expulsão é citado aqui levando em conta a fala do cacique J. L. Kiareware, em repúdio a um relatório da época em que foram retirados da região, onde afirmava que os índios haviam saído espontaneamente.

[4] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Fala do último cacique de Jarudóri da aldeia Boe-Bororo, José Luiz Kiareware.

[5] BARROS. E.P., BORDIGNON, M. Jarudóri ... op. cit., p.03.

[6] Ribeiro, 1970: 293

[7] Rettray Hay, s/d: 80.

do rio Araguaia e para além deste, sobretudo os chamados "independentes", permanecem ainda hoje, do ponto de vista acadêmico, praticamente desconhecidos.

A ocupação da região em foco iniciou-se na primeira década e fins do século XIX e intensificou-se no inicio do século XX, sobretudo, com extração de pedras preciosas no "triângulo dos diamantes", como dizem os geógrafos[8].

Tendo em vista que o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo[9], verificamos que o poder aplica técnicas de disciplina, e seus "métodos permitem o controle minucioso das operações do corpo e realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilização - utilização" [10], ou seja, domesticando o corpo para o melhor aproveitamento de sua força de trabalho, fato notório onde o índio foi envolvido na ação de retirada dos diamantes, de suas terras, sendo parte da negociação entre outros a cachaça. Para aqueles que se negavam a se retirarem de suas terras, uma vez que eram em grande número, eram ameaçados pelos garimpeiros e houve guerras até com troca de tiros[11].

Como sinalizado[12], a partir do fim do século XVII, ao longo do século XVIII, e especialmente, no início do século XIX, desenvolveu-se e estruturou-se toda uma nova tecnologia de aproveitamento/utilização da força dos corpos, e, consequentemente, como pode ser visto, foi este crescimento progressivo. O objetivo desta investigação caminharia por esta via: como se deu o processo de ocupação das terras indígenas e as ferramentas do poder para esta ocupação!

O biopoder como força de criação biológica tem o poder de criação da vida, ou seja, produção das subjetividades coletivas, das sociedades, das formas de vida emergentes[13], mas a preocupação aqui consiste em ver se os indivíduos estão envolvidos com os acontecimentos do poder atuante vertical e horizontal como é o caso do "capitalismo", este ser humano contemporâneo que ocupa às terras dos índios já nasce

---

[8] BARROS. E.P., BORDIGNON, M. Jarudóri ... op. cit., p.04.
[9] MAIA, A. C, Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In.: Novaes, A. O Homem – Máquina: A Ciência Manipula o Corpo. p. 80.
[10] Ibidem p. 82
[11] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Fala do último cacique de Jarudóri da aldeia Boe-Bororo, José Luiz Kiareware
[12] Maia. p. 82.
[13] Ibidem p. 92.

incorporado. Mas este domínio se estende do poder político ao econômico com suas delimitações hierárquicas empresariais. Certos de que não estão envolvidos em um sistema estes não são capazes de perceberem este domínio. Ekureudo afirma: "o erro não começou dos pequenos, começou dos grandões lá de cima, de quem autorizou eles a entra"[14].

Na fala de Maia, o "instaurar do biopoder como determinante da forma de estruturação do poder político nas sociedades contemporâneas constitui um horizonte de problemas postos ao futuro da espécie"[15]. Atualmente no modelo contemporâneo de economia e de sociedade, verificaremos como o índio, uma vez expropriados de suas terras atuam em meio a estas mudanças, pois "o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínua e ilimitado"[16]. Ekureudo diz: "não estamos interessados por cidade, queremos terra, queremos mato, apesar de que hoje ta difícil viver sem usar a cidade, até para fazer as casas não tem mais madeira"[17].

Para falar do biopoder é necessário situar o surgimento do capitalismo e da repressão como forma geral da dominação do capitalismo[18]. Neste contexto, os indivíduos apenas reciclam suas atitudes e aplicam sua força de trabalho para a sobrevivência. Estamos dispostos a nos tornar rebeldes do sistema? Vale ressaltar que a ressalva de Deleuze (1995) em relação ao controle é que é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. "O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado"[19]. Este homem conseguiria driblar os meios de controle do capitalismo, tendo em vista que o dinheiro é um elemento primordial para o aprisionamento do homem na sociedade de controle. E será visto se este controle ultrapassou o domínio cultural dos Bororo e quais as possíveis reações frente a este domínio.

A demanda do poder é ligada ao homem, pois, sem a inserção dos indivíduos disciplinados no aparelho de produção, as novas demandas do capitalismo teriam sido impedidas. "Paralelamente, o capitalismo teria sido impossível sem a fixação, o controle e a

---

[14] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Cacique Bororo, Aldeia Nova, Maria A . Toro Ekureudo.
[15] Maia. p. 101-102.
[16] GILLES, Deleuze. Conversações. 1995. p. 224.
[17] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Cacique Bororo, Aldeia Nova, Maria A . Toro Ekureudo.
[18] DREYFUS, Hubert L., RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). 1995.p. 143.

distribuição racional da população em larga escala”[20], que ultrapassa gerações e gerações sob o mesmo domínio do poder do Estado, e, uma vez que o índio começa a mesclar na cultura do branco os domínios do capitalismo se tornam pertinentes.

Nas épocas passadas, a “função da policia era a articulação e a administração das técnicas do biopoder de modo a aumentar o controle o Estado sobre seus habitantes”[21]. Hoje ela faz o mesmo trabalho, e ainda cuida para que o homem esteja vivo, ativo e produtivo em vista do bom funcionamento do capitalismo. No processo de desapropriação do Bororo de suas terras em Jarudóri, os policiais da cidade de Poxoréo, foram até a porta da casa do cacique lhe ameaçar para forçar lhe a retirar com seu povo[22].

O século XIX concentrou a produção e a propriedade[23]. Cabe verificar como o espaço do capital se configura nos meios sociais que influenciou os habitantes de Jarudóri, mesmo com todas as transformações de espaço e a perca de identidades.

No mundo contemporâneo, “o investimento não é mais o corpo propriamente dito; interessa, agora, extrair o máximo de energias inteligentes, fazer participar, criar condições para cada um sentir-se atuando e decidindo no interior das políticas de governos, em organizações não governamentais e na construção de uma economia eletrônica”[24]. Isto é que faz a exploração do indivíduo em seu mais alto grau e renova-o em cada época de sua vida ou ciclos de vida. Este trabalho tem o papel de ser uma contribuição acadêmica para compreender as também frentes de ação indígenas e indigenistas e contribuir com a solução dos conflitos estabelecidos e, não somente mais uma análise a ser engavetada como os processos que pediam a desocupação das terras dos Bororos.

O objetivo a ser analisado nesta pesquisa é como se deu a força do poder e sua intervenção na expropriação das terras Bororo no Distrito de Jarudóri, favorecido pelo poder Estatal, e pela falta de “proteção” dos órgãos competentes. Será verificado o conceito de “biopoder”, que se faz presente na análise de Foucault dos anos de 1975 a 1977, e

---

[19] GILLES, D. Conversações... op. cit, p. 224.
[20] DREYFUS,H. L., RAVINOW, P. Michel Foucault… op. cit, p. 149.
[21] Ibidem. P. 154.
[22] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Fala do último cacique de Jarudóri da aldeia Boe-Bororo, José Luiz Kiareware.
[23] GILLES, D. Conversações... op. cit, p. 223.
[24] RAGO, Margareth. ORLANDI, LUIZ B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). Imagens de Foucault e Deleuze:ressonâncias nietzschianas. 2002. p. 134.

posteriormente analisado por outros pensadores. A escolha desta temática não foi ao acaso, pois este conceito será verificado em contexto de uma preocupação atual e pertinente a transformações culturais e perda de identidade.

A área indígena de Jarudóri, de propriedade dos índios Bororo, foi demarcada por Cândido Rondon em 1912, este usou como marco, os morros típicos da região de Poxoréo, a área se estendia por 100 mil hectares. Em 1945, por meio de um decreto Estatal, a área indígena foi reduzida drasticamente, ficando um resto, pouco mais de seis mil hectares. Seis anos mais tarde, quando ouve a entrega do título definitivo das terras pelo governo, só restavam apenas 4,7 mil hectares, que assustadoramente não está de posse de seus devidos donos, os Bororos.

Rondon demarcou Jarudóri ou São João de Jarudóri usando os morros como marcos naturais. Ele começou com o morro Nabureri, usando o rio Areia até perto da cidade de Guiratinga ou morro Três Irmãos, De lá foi à cabeceira do Paraíso que, em Bororo, se chama Porube, que juntamente com Poxoréo forma o rio Vermelho, São João ou Corubi. Dali foi ao morro Meari e seguiu no rumo do morro Nabureri, ou morro da Arara, situado em Jarudóri. Fecha-se assim uma área de mais ou menos 100.000 mil hectares de puro território tradicional Boe-Bororo.

A forma de poder atuante, na figura ou neste momento do Estado, seguiu interesses escuros e vendeu as terras, e o governo do Estado às loteou por intermédio da Codemat. Desta forma o povo Bororo que, na demarcação de Rondon contava com mais de 100.000 hectares de terra, agora tem apenas título de 4.706 hectares e nada de posse objetiva. Isso se traduz na revolta e indignação não só do povo Bororo, mas de outras pessoas preocupadas com a cultura e identidade dos povos, “a maior covardia feita com a terra dos Bororos”[25]!

Neste contexto, quero analisar as técnicas de domínio do biopoder, que se estende pelos espaços culturais e se apodera das vidas das pessoas e, tendo em vista o esclarecimento dos meios que são utilizados pelo poder. Quero também desvendar por quais vias o poder mais ataca e apodera-se das forças dos indivíduos. O trabalho será

[25] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Fala do último cacique de Jarudóri da aldeia Boe-Bororo, Mário Bordionon, missionário CIMI.

norteado dentro de uma preocupação de controle e apropriação dos espaços do povo Bororo.

Jarudóri fica a 54 km a sudeste, no município de Poxoréo, criado através do Decreto Lei nº 208, de 26 de outubro de 1938. Localiza-se na microrregião homogênea de Tesouro e sua sede a 290 km da capital do Estado, Cuiabá.

O surgimento dos distritos de Paraíso do Leste e Jarudóri não estão associados ao garimpo como o surgimento do município de Poxoréo criado em 1929. Sua origem está associada à expansão agropecuária e à implantação de colônias agrícolas pelo Estado de Mato Grosso, através de iniciativas do presidente Getúlio Vargas, através das chamadas "Colônias Nacionais" do Programa Marcha para o Oeste.

O patrimônio e distrito de Jarudóri foram criados, respectivamente, nos anos de 1951 e 1958, pelo governo do Estado de Mato Grosso que, em 1945, instituíra, a Reserva "para uso dos índios Bororo, do Jarudóri, município de Poxoréo, área de 6.000 hectares de terra"[26].

Jarudóri e Paraíso do Leste, onde se situa Pobojári, tornaram se sedes de municípios criados na década de 50. Nesse período principalmente que os Bororo da Área Indígena São João de Jarudóri são expropriados. Os jornais da época denunciam a violenta expropriação de terras indígenas em Mato Grosso[27].

100.000 hectares de terras foram demarcados por Rondon em São João de Jarudóri nas primeiras décadas do século. Ali está a "questão" de Pobojári, ainda hoje irresolvida, questão que merecerá uma análise cuidadosa de nossa parte[28], pois iremos buscar conhecer a cultura dos Boe-Bororo e não a cultura dos habitantes da região.

> "Esta área recebeu o nome de São João de Jarudóri [...] Mas na década de 40 e 50 foi sendo invadida e os Bororo, com a chegada dos brancos, foram contraindo doenças e morrendo em grandes quantidades. Sofrendo também a exploração de mão-de-obra e a dispersão de várias famílias" (Gilberto Okoreo, 2001: s/p)[29].

Engrossando os pontos de ameaça da expropriação dos indígenas, no período de 1945-1965 registra se um fluxo muito grande de trabalhadores que vinham de outras

---

[26] BARROS. E.P., BORDIGNON, M. Jarudóri ... op. cit., p. 16.
[27] Idem. p. 17.
[28] Idem. p. 20.
[29] Idem. p. 20.

regiões em busca de terras férteis e o distrito de Jarudóri possui terras próprias para a agricultura e criação de gado[30].

Esta pesquisa pretende analisar a forma de abordagem de ocupação e da recente atuação de apropriação de suas terras por parte dos Bororos, dentro do conceito do biopoder, "poder que se aplica à população global e a toda espécie de vida"[31].Também: François Ewald, Paul Rabinow, Gilles Deleuze, Antônio Negri, Michel Hardt e outros, darão embasamento teórico. A preocupação de Foucault, com o "biopoder não é só como o poder sobre a vida exercida desde cima, mas também o poder de criação, ou seja, produção das subjetividades coletivas, de sociedades, de formas de vida emergentes"[32]. Aí se configura o limiar de nossa investigação, pois interfere na vida das pessoas, no espaço em que vivem, tutelando e controlando suas ações dentro do conjunto social.

Rondon já se preocupava com a possível ocupação do território por parte de imigrantes, fato que levou a demarcar as terras para os índios. A antropóloga Edir Pimo de Barros diz que os índios não tiveram chances nem de reivindicar suas terras no momento de sua expropriação, pois eles foram expulsos, ameaçados e tiveram até suas roças queimadas[33]. Aqui percebemos a força do poder atuante.

Levando em conta que o espaço dos Bororos foi invadido e as autoridades competentes (SPI e a FUNAI; 1967) não tomaram nenhuma providência em relação ao acontecimento. Mesmo assim, foram feitas denúncias e cinco processos foram parar nos gabinetes de Brasília e se encontram engavetados. Segundo Bordignon há um processo em andamento no Ministério Público, embora não está acontecendo nada, e os Bororo, cansados de esperar, "ocuparam sua terra na cara e na coragem"[34].

Analiso que o biopoder misturou-se mais dois polos[35] no início da Época Clássica e permaneceram separados até o início do século XIX, quando se uniram para formar etnologias que, a princípio se configuraram para disciplinar e se transformar em controle,

---

[30] Idem. p. 62.
[31] Maia. p. 96.
[32] Idem. p. 98.
[33] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Fala do último cacique de Jarudóri da aldeia Boe-Bororo, Edir Pimo de Barros.
[34] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Fala do último cacique de Jarudóri da aldeia Boe-Bororo, Mário Bordignon, missionário CIMI.

poder que ainda caracteriza nossa situação atual[36]. Verificarei pormenorizadamente, onde atua o controle, de que meios ele se apodera e em que tempo isto aconteceu primeiro; dentro do espaço de ocupação e expropriação do povo Bororo de suas terras em Jarudóri e segundo em dias atuais com a volta deste povo para suas terras.

Este trabalho analisará as formas de controle do poder sobre o homem, uma *modulação,* (Deleuze, 1995) uma moldagem auto deformante que muda continuamente, a cada instante, ou uma peneira cujas malhas mudam de um ponto a outro[37], o que faz com que o homem viva em constante vir a ser moldado pelo agente de controle[38].

Com a denominação de Aldeia Nova, novos ocupantes com a orientação da cacique Maria Aparecida Toro Ekureudo, em 2006 ocupou uma parte de suas terras em Jarudóri. Acamparam nas mediações da vila de Jarudóri. O "povo não notou" sua presença... Queimaram folhas para fazer fumaça para assim serem percebidos, mas não foi suficiente. Então a cacique foi até os habitantes falar da ocupação de suas terras.

"Ao comunicar os habitantes do Distrito de Jarudóri que estávamos acampados ali, muitos me perguntaram se estávamos ali a passeio, e disse que havíamos vindo para ficar. Então perguntaram o que faríamos com a cidade, e disse que não era problema nosso, e sim da justiça"[39]. Hoje faz parte desta nova territorialização e luta pela ocupação de sua cultura e identidade, cerca de cinco ou seis famílias, uma pauta de lança estratégica para testar as forças, o tempo e o espaço que os Bororos tem para retomarem sua terras!

No território ao qual são deles por direitos, a pouco tempo, da família que ainda restava do povo Bororo, foi assassinado o filho mais velho, em seguida, a mãe falece de repente e ficam apenas dois "filhos da terra", únicos que sobrevivem por ali sem dar conta da importância que tem para a reconstrução de sua identidade, sua cultura.

Jarudóri, este grande e rico território se acha completamente invadido pelos não índios. Isso por que as autoridades da época que tinham compromisso e competência não tomaram providências cabíveis quando houve as primeiras invasões, os seus interesses

---

[35] Os dois pólos do biopoder, controle do corpo e controle das espécies, que se desenvolveu paralelamente no século XVIII, foram reunidos numa preocupação do século XIX com o sexo. p. 154.
[36] DREYFUS,H. L., RAVINOW, P. Michel Foucault… op. cit, p. 149.
[37] GILLES, D. Conversações... op. cit., p. 221.
[38] Entende-se por este termo o poder que domina e controla o homem.
[39] Filme, Jarudóri Terra Invadida. Cacique Bororo, Aldeia Nova, Maria A . Toro Ekureudo

eram outros. Jarudóri continuava sendo uma localidade apreciada pelos Bororos em decorrência da abundância da pesca e da caça e das maravilhosas das suas matas[40].

Em 1958, o SPI tentou estabelecer um Posto Indígena em Jarudóri, mas não concluiu esse projeto, inviabilizado pelas articulações de forças internas do distrito, do município e do Estado, Está clara a falta de respeito e de cumprimento da lei que atribui direito aos índios Bororos nesta área. O governo Estadual, através da Lei nº 1.191 de 20 de dezembro de 1998, publicado no Diário Oficial do Estado do dia 21 de dezembro de 1958, criou o distrito de Paz de Jarudóri[41].

As invasões do próprio Estado de Mato Grosso, que insiste em desrespeitar os direitos indígenas, histórico e constitucionalmente garantido já naquela época foi a nomeação do titular vitalício do Cartório de Paz e Notas de Jarudóri, Epaminondas Correia da Silva, em 15 de novembro de 1969. Outro fato triste, em 1969, foi quando Ramis Bucair elaborou uma planta baixa da Terra Indígena Jarudóri e confirmou sua extensão: 4.706 hectares. Por que fazer e refazer os cálculos da extensão das terras remanescentes da Área Indígena de São João de Jarudóri com perdas progressivas para os Bororos? Em 1951 95.294 hectares estavam postos[42]?

São poucas as referências nos estudos até hoje realizados sobre a história dos Bororos denominados erroneamente independentes na etnografia e, portanto, sobre São João de Jarudóri[43], e nosso trabalho vem não só fazer mais um registro deste povo desgarrado em meio a seu território, e também analisar possibilidades de intervenção na apropriação de seu devido território.

Com a ausência de uma assistência direta da FUNAI e o acirramento das tensões entre Bororo de Jarudóri e os moradores do lugarejo, em 1983, significativa parcela da população Bororo saíram da área e se deslocaram para outras aldeias da região[44].

Em meio aos documentos encontrei um levantamento feito pelos próprios Bororos, ainda na década de 90, com os nomes dos componentes de diversas famílias referidas à “reserva Jarudóri”, totalizando 88 indivíduos. A própria Fundação Nacional do

---

[40] BARROS. E.P., BORDIGNON, M. Jarudóri ... op. cit., p. 48.
[41] Idem. p. 63-64.
[42] Idem. p. 67.
[43] Idem p. 53.
[44] Idem. p. 69.

Índio, através de sua representação em Cuiabá, repassou uma lista dos moradores da aldeia do Garças da Terra Indígena Meruri, na qual se reuniu a grande maioria da população oriunda de Jarudóri. Nela constam 65 pessoas[45].

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAHAM, Tomás. *Los Senderos de Foucault.* Buenos Ayres: Nueva Visión, 1989.

ALLIEZ, Éric. *Da impossibilidade da fenomenologia – sobre a filosofia francesa contemporânea.* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Deleuze – filosofia virtual.* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica/* Éric Alliez (org.); coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. (Coleção Trans).

ALBISETTI, C., VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia Bororo*, 3 volumes, Museu Regional Dom Bosco. Campo Grande, 1969.

APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *O rei máquina: espetáculo e política no tempo de Luiz XIV.* Trad. Cláudio César Santoro. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: EdumB, 1993.

AGUILERA, Antônio H. *Currículo e Cultura entre os Bororo de Meruri.*Campo Grande (MS). Ed. Da UCDB, 2001.

BARROS, Edir Pina de. *Laudo Histórico-antropológico: ação de desapropriação indireta (processo 17.624/86).*In Maldi, Denise (org.). Direitos Indígenas e Antropologia: Laudos Periciais em Mato Grosso. Cuiabá. Ed. Da UFMT, 96-174, 1994.

BAUDRILLAD, Jean. *Esquecer Foucault.* Trad. de Cláudio Mesquita e Herbert Daniel. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

BENTHAM, Jeremy. *O panóptico.* Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BILLOUET, Pierre. *Foucault.* Trad. De Beatriz Sidou; revisão técnica Carlos José Martins. São Paulo: Estação Liberdade, 2003 (Figuras do Saber/6).

BORDIGNON, Mário. *Roia e Baile. Mudança Cultural Bororo.* Campo Grande (MS). Ed. UCDB, 2001.

[45] Idem. p. 77.

_____. *Os Bororo na História do Centro-Oeste Brasileiro: 1716-1986.* Campo Grande (MS), Missão Salesianas de Mato Grosso/ CIMI/MT, 1986.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico.* Trad. De Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octávio Ferreira Barreto Leite. 5º. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CUNHA, Manuela C. (org.). *História dos Índios do Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1971.

DELEUZE, Gilles. *Conversações.* (1972-1990). Trad. de Peter Pál P. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Pós-Scriptum sobre a Sociedade de Controle.* Em Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, pp. 219-226.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus Contemporâneos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. *Dossiê Deleuze.*/ Carlos H. E. (Org.); Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991.

_____.*Michel Foucault – O Dossiê – últimas entrevistas.* Rio de Janeiro: Livraria Tauros Ed., 1984.

EWALD, François. *Foucault, a Norma e o Direito.* Lisboa Veja, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. -(Coleção campo teórico).

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alexandre Fontana, por Frédéric Gros; trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. -(Tópicos).

_____. *A Ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Ditos e escritos; II).

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. -(Coleção tópicos).

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nau editora, 2001.

_____. *Doença mental e psicologia*. Tradução de Lilian Rose Shalders. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1994.

_____. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). Trad Maria Ermantina Galvão. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. -(Coleção tópicos).

_____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e escritos; III).

_____. *Estratégia poder-saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos; IV).

_____.Ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V).

_____. *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX*. Trad. Denize L. de Almeida. 6ª. Ed. RJ: Graal, 2000.

_____. *História da loucura na idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 6ª. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. -(Coleção Estudos).

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 16ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. *O Nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.

_____. *O pensamento do exterior*. Trad. Nurimar Falci. SP: Editora Princípio, 1990.

_____. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. -(Coleção tópicos).

_____. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. (Ditos e escritos; I).

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).* Trad. Andréa Daher; consultoria Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo: Nietzsche, Freud e Marx.* Theatrum Philosoficum. Trad. Jorge Lima Barreto e Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Landy Livraria editora e Distribuidora Ltda, 2000.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. 25ª. Ed. Petrópolis: vozes, 2002.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação*. BH: Autêntica, 2003. (Pensadores e Educação, 3).

HARDT, Michael. *Gilles Deleuze – um aprendizado em filosofia.* São Paulo: Ed. 34, 1996.

KREMER-MARIETTI, Angèle (Org.). *Introdução ao pensamento de Michel Foucault.*Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KIA, Gilberto. *História dos Bororo em Poxoréo e Atualidade.* Trabalho final do Projeto Tucum. Pólo III – Boe Bororo. Rondonópolis, Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso/Município de Rondonópolis, fevereiro de 2001.

MACIEL, Laura A. *A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da "Comissão Rondon".* São Paulo. Ed. da PUC/SP – FAPESP, 1998.

MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault.* 2º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Deleuze e a filosofia.* Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *Foucault, a filosofia e a literatura.* São Paulo: Jorge Zahar Editores, 1999.

MAIA, A. C, Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In.: Novaes, A. O Homem – Máquina: A Ciência Manipula o Corpo. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme. *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra.* Trad. De Donaldson M. Garschagem. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica.* Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OKOREO, Luiz C. *Terra de Jarudóri.* Trabalho final do projeto Tucum, Pólo III – Boe Bororo. Rondonópolis, Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso/ Município de Rondonópolis, fevereiro de 2001.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado imagem de tempo em Deleuze.* São Paulo: Perspectiva, 1998.

QUEVEDO, Amalia. *De Foucault a Derrida. Passando fugazmente por Deleuze y Guattari, Lyotard, Baudrillard.* Navarra España: Ed. EUNSA, 2001.

RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de janeiro: Dpea editora, 2002.

RAGO, Margareth. *O efeito Foucault na historiografia brasileira. Tempo social*: Revista de Sociologia USP, S. Paulo, 7 (1-2): 67-82, outubro de 1995.

RAJCMAN, John. Foucault: *a liberdade da filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Revisão técnica Roberto Machado e Andrea Daher. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

RENCONTRE INTERNATIONALE MICHEL FOUCAULT PHILOSOPHE: Paris, 9, 10, 11 Janvier 1988. Paris: Éditions du Du Seuil, 1989.

RIBEIRO, Renato Janine (org*). Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *O contrato social*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 3º.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. - (Pensadores e educação, 4).

VIERTLER, Renate B. *Alcoolismo entre os Bororo.* Ciências Sociais e Saúde para o Ensino Médio. Ana Maria Conesp (Org.) São Paulo, Ed. HUCITC/FAPESP, 2000: 243-261.

_____. *As aldeias Bororo: alguns aspectos de sua organização social.* Coleção Museu paulista, série etnologia, vol. 2, São Paulo, 1976.

VOLPATO, Luíza R. R. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil (1719-1819).*São Paulo, HUCITEC, 1987

CLASTRES, P. *Do etnocídio. In: Arqueologia da violência.* Brasiliense. São Paulo. 1992: 52-62.